



Passo Fundo, Tchê! **O gauchismo na promoção do turismo no município de Passo Fundo¹**

João Vicente Ribas²

Mestrando em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo

Este *artigo* aborda a questão do gauchismo na cidade de Passo Fundo, como discurso político que visa o desenvolvimento econômico através do turismo. Analisa o projeto “Passo Fundo, Tchê!”, aprovado na Câmara de Vereadores em 1980, e o I Fórum da Municipalização do Turismo, de 1995. Propõem-se alternativas de interpretação de tal fenômeno identitário como decorrente de processos culturais contemporâneos.

Palavras-chave

História do Rio Grande do Sul; Passo Fundo; turismo; identidade; gauchismo

No imaginário sulino e brasileiro, o município de Passo Fundo teve a partir da segunda metade do século XX seu nome associado ao gauchismo³. Muitos são os contribuintes para essa “fama”. O cantor Vitor Mateus Teixeira, o Teixeirinha, talvez tenha sido determinante, quando gravou a música “Gaúcho de Passo Fundo” (1960) e filmou um longa-metragem com o mesmo nome na cidade (1978). Essas obras artísticas foram ouvidas e assistidas em todo o Brasil⁴, projetando um movimento ainda insipiente no Rio Grande do Sul, que eram as atividades dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). Já o humorista Chico Anysio contribuiu ao criar a personagem “Salomé”, que falava semanalmente em rede nacional de televisão o jargão “Passo Fundo, Tchê!” (1979-1985), simulando conversar ao telefone com o presidente João Batista Figueredo⁵.

Mas na história do Brasil, o tipo social do gaúcho, mito fundador do gauchismo, nunca teria habitado a região serrana ou do Planalto Médio e sim a campanha sul-riograndense⁶. Assim a presença do gaúcho no município de Passo Fundo apenas ocorre através de seu mito imagético ideologizado.

¹ Trabalho apresentado ao GT de Turismo, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² João Vicente Ribas é mestrando do Programa de Pós-graduação em História da UPF, ingresso em 2006. Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela UPF em 2002.

³ Entenda-se aqui “gauchismo”, como manifestação identitária no estado do Rio Grande do Sul, referente ao tipo social do gaúcho, incentivada por movimentos culturais como o Tradicionalismo e o Nativismo. Ver: GOLIN, 1983.

⁴ Ver: MANN, 2002, pp.44-47.

⁵ Ver: Museu da Televisão Brasileira: <http://www.museudatv.com.br/biografias/chicoanysio.htm>.

⁶ Ver: D’AVILA, 1996. pp.46-75.



Neste artigo, serão recuperados dois momentos marcadamente responsáveis pela associação da cidade ao gauchismo. São iniciativas ligadas à promoção turística, que, com seus discursos, contribuíram na edificação desse imaginário. Em 1980, a Câmara de Vereadores aprovou o projeto “Passo Fundo, Tchê! A mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul”. Já em 1995, quando da realização do Fórum da Municipalização do Turismo, concluiu-se novamente que a promoção turística passaria necessariamente pelo gauchismo.

Sobre a ocupação do espaço onde hoje se situa Passo Fundo, escreveu-se que os pioneiros da região eram, em sua maior parte, paulistas da comarca de Curitiba, mais tarde província e depois estado do Paraná. A partir de 1834, à população acresceram-se imigrantes portugueses, alemães, austríacos, italianos e de outras nacionalidades. A colonização e ocupação tiveram continuidade ao longo do século XIX, contribuindo para o aumento da população não nativa do município. Já o processo de desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo no século XX deu-se através da extração de madeira, comércio e granjas, favorecidos pela ferrovia⁷. Aqui se esboça um quadro social-econômico diferente da campanha das charqueadas do sul, onde o gaúcho teria vivido. E é nesse quadro em que passaram a surgir, a partir de 1952, manifestações culturais ligadas ao tradicionalismo gaúcho, quando fundado o Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda⁸.

Em 1968, foi criado um conselho de coordenação e um estatuto do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)⁹, para representação regional. No discurso, o MTG chegou a Passo Fundo afirmando ligações históricas do gauchismo com a região. No texto de fundação do conselho regional, escreveu-se:

O MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) de Passo Fundo tem como premissa “a *cultura*”, preservar o patrimônio, legado por nossos antepassados que perpassa os tempos, não deve sofrer adulterações das correntes oposicionistas, a fim de que suas raízes profundas de conhecimento popular e seus adeptos representados por elementos que congregam os centros de tradições, preservem e cultuem as origens de nossa cultura tal qual ela é, sem modismos (PARIZZI, 1990. p.78).

⁷ Ver: SANDER; TEDESCO, 2002. p.83.

⁸ Ver: NASCIMENTO, 1992.

⁹ O MTG foi fundado em 1967 no Rio Grande do Sul, após duas décadas de atividades ligadas à pesquisa folclórica com o intuito de normatizar uma tradição gaúcha, baseada em um tipo social característico da região da campanha, pecuarista, portanto associado ao meio rural, ou “campeiro”.



Tal unificação cultural pretendida pelo gauchismo é comum em todo o Estado, pois esse modelo que é construído quando se fala nas coisas gaúchas está baseado num passado que teria existido na região pastoril da campanha no sudoeste do Estado e na figura real ou idealizada do gaúcho. Destarte, segundo George Ruben Oliven, “trata-se de uma construção de identidade que exclui mais do que inclui, deixando fora a metade do território sul-rio-grandense e grande parte de seus grupos sociais” (2006. p.154).

Para interpretar o objeto deste artigo, sugere-se que o gauchismo perpassa tendências de identificação dos tempos de globalização. Para Stuart Hall (2001. p. 86), a identidade pode ser fortalecida localmente ou produzida por caráter político e conjuntural, formado em e para tempos e lugares específicos. No caso do gauchismo, que é baseado em um tipo que teria vivido em tempo e lugar singulares, na contemporaneidade é reproduzido em tempo e lugar (no caso de Passo Fundo) diferentes.

Passo Fundo, Tchê!

Analisando o movimento populacional na região de Passo Fundo de 1950 a 1991, um grupo de pesquisadores da Universidade de Passo Fundo percebeu uma crescente urbanização, análoga ao que aconteceu em todo o Estado no mesmo período¹⁰. O município, segundo dados do IBGE, tinha 101.887 habitantes no ano de 1950, sendo apenas 31.229 residentes em área urbana. Em 1980, a mudança foi radical, pois em uma população de 121.156 habitantes, 105.468 eram urbanos. Este é o quadro social-demográfico da época em que foi aprovado o projeto “Passo Fundo, Tchê!”, quando havia sete CTGs na cidade.

Já em 1991, dos 147.239 habitantes, 137.216 viviam na zona urbana. É um quadro de abandono crescente do campo, que teve em 1995 mais uma ação no sentido de desenvolver a cidade a partir, paradoxalmente, da exploração turística de uma questão cultural de origem rural, que é o gauchismo.

Na década de 1980, surgiu a Câmara da Indústria, Comércio, Agropecuária e Serviços de Passo Fundo – CICASP, que visava estreitar os laços de entrosamento do empresariado com as autoridades dos governos municipal, estadual e federal, desenvolvendo Passo Fundo e região¹¹. Foi justamente da CICASP que partiu a iniciativa e elaboração do projeto turístico “Passo Fundo, Tchê! A mais gaúcha cidade

¹⁰ DAL MORO; KALIL; TEDESCO, 1998. p.61.

¹¹ CANTÚ; AMBROS; SIQUEIRA. In.: DIEHL, 1998. p.129.



do Rio Grande do Sul”, oficializado em 04 de novembro de 1980 pela Câmara de Vereadores.

O projeto de lei foi apresentado dia 13 de outubro de 1980 pelo vereador Wilson Corrêa Garay (PTB), advogado e funcionário público, baseado no texto da CICASP, de autoria do jornalista, cartunista e publicitário, Walmor Palma. O autor possuía uma agência de publicidade que, ao confeccionar adesivos, flâmulas, chaveiros, camisetas, enfrentava a dificuldade de representar Passo Fundo através de um desenho, visto que a cidade não teria nada em especial e uma paisagem comum¹².

Tal premissa é apresentada como justificativa do projeto de lei, assim como a “apatia” dos setores empresariais e governamentais. Para Wolmar Palma, uma das poucas maneiras que a seu ver conseguiriam desenvolver um município nas condições tão comuns como o de Passo Fundo era o turismo, apesar de ter escrito que a cidade não teria nada a oferecer ou a ser explorado no campo turístico. A solução para o comunicólogo seria criar um ambiente artificial.

Essa é uma tendência do turismo de massas do final do século XX, que se baseia na idéia de que o turismo pode transformar drasticamente as economias locais, explorando-se todos os recursos, naturais, culturais e históricos, da forma mais lucrativa possível. Mas que segundo Margarita Barreto, “tem levado à degradação de alguns lugares em diversos níveis e aspectos” (2000, p.30). Um desses aspectos que a autora aponta, que foram estudados por diversos pesquisadores europeus, é o impacto cultural, quando o turismo reduz os povos e sua cultura a objetos de consumo e ocasiona desajustes na sociedade receptora, que se adapta culturalmente para receber visitantes e explorá-los comercialmente.

Tal impacto cultural pode ser imaginado ao elencar as sugestões do projeto “Passo Fundo, Tchê!”. Dentre os 24 tópicos está o maior desenvolvimento do trabalho da Prefeitura Municipal na área de turismo e cultura, e colocação de placas, decorações e monumentos na cidade com motivos gauchescos, a partir da iniciativa privada. Outra sugestão era uniformizar os servidores municipais com trajes típicos, adaptados para as diferentes funções, bem como na iniciativa privada e nas escolas municipais.

Um objetivo seria incentivar a criação de lojas especializadas na fabricação de artigos gauchescos, tais como chapéus, souvenirs, arreios, além de erva-mate e charque. Segundo o projeto, através da fabricação de móveis de madeira, “P.Fundo

¹² Ver: PASSO FUNDO. Câmara de Vereadores. Lei nº 57/80. Oficializa o projeto turístico “Passo Fundo, Tchê! A mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul”. Processo nº 260/80 de 04.11.1980. p.05.



poderia, como se diz, ditar moda fabricando móveis ao estilo P.Fundo, Tchê!, como são fabricados móveis ao estilo colonial, Luiz XV e outros”, assim como no vestuário (1980, p.14). Deduz-se que se pretendia uma total revolução na sociedade, em função do objetivo turístico.

Constam no texto algumas empresas que na época já tinham aderido ao slogan “Passo Fundo, Tchê!, a mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul”, imprimindo material promocional com os dizeres. Citam-se ainda firmas que já usavam motivos gauchescos como tema de publicidade, como Comercial Grazziotin “com a Maior Liquidação dos Pampas” e o mascote Grazzito, um gauchinho, assim como no Supermercado Zaffari.

A idéia desse projeto turístico partiu do slogan que deu nome à lei, criado por Palma para o concurso público promovido pelo governo de Edú Villa de Azambuja (1973-1977) a fim de escolher um slogan oficial que acompanhasse o nome da cidade. Na época, a comissão julgadora escolheu a frase “Passo Fundo, Passo Firme Para O Progresso”, mas que, segundo o publicitário, não teve muito efeito. Sentindo que o slogan eleito não atingia os objetivos desejados, o prefeito teria procurado o próprio Palma a fim de confeccionar adesivos com a frase “Passo Fundo, Tchê!”, que teria tornado-se um slogan popular, logo sendo usado em chaveiros, adesivos, camisetas, facas, cartões de apresentação, talonários de firmas, entre outros. Segundo o projeto, esses artigos foram bem aceitos, pelo comércio, indústria e sociedade, o que comprovaria que os passo-fundenses “gostam e cultuam o chamado tradicionalismo, o folclore e suas coisas”. Dessa dedução teria nascido a idéia de transformar Passo Fundo na “Mais Gaúcha Cidade do Rio Grande do Sul”, cidade turística.

Na época existiam sete CTGs no município e algumas empresas tinham nomes como Cine Teatro Pampa e Churrascaria Gaúcha. Mesmo assim, para efetivar a transformação, o projeto previa a necessidade dos dirigentes municipais arcarem com boa parte da verba, incentivando a iniciativa privada a colaborar também.

Observa-se que as justificativas do autor do projeto baseiam-se principalmente em um aspecto cultural-imagético. Pois não se percebe no texto recursos e ações concretas, estruturais, pré-existentes, no âmbito econômico-social, no sentido de transformar a cidade em pólo turístico¹³. É relevante, assim, considerar que se vivia o auge do movimento Nativista, que nas décadas de 1970 e 1980 incentivou ampla identificação com o gauchismo em todo o Estado¹⁴.

O objetivo era “criar um ambiente gauchesco”. Para tanto, sugere-se ainda outras ações que visam atrair turistas, como a construção de museu, mini-fazenda e parque de

¹³ Apenas a partir de 1992, seriam realizados eventos periódicos em torno do gauchismo em Passo Fundo, como o Festival Internacional de Folclore e a Mostra da Cultura Gaúcha, que movimentam bianualmente a economia e a sociedade do município.

¹⁴ Ver: JACKS, 1998.



exposições especializados, além de promover feiras, rodeios crioulos e festivais nativistas, a exemplo da Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana (grande impulsionadora do Nativismo). Uma sugestão que merece destaque é a adaptação de uma igreja para se transformar em “templo crioulo”. O carnaval e as festas natalinas também poderiam ser adaptados, com intuito semelhante.

Quanto a esses tipos de “atrações turísticas”, Silvana Miceli de Araújo escreveu que elas exemplificam a dimensão de irrealidade do mundo turístico. “Tudo pode ser tratado turisticamente, como elemento de algo representado, encenado para turista ver, produzindo assim a materialização do ‘pseudo-evento/realidade’” (In: BANDUCCI JR.; BARRETO, 2001, p.58). Portanto a lógica própria do turismo não requer fidelidade para com a história e a cultura locais, o que fica evidente no caso gauchesco em Passo Fundo. Da mesma forma que a lógica própria do regionalismo é que a força das representações não está proporcionada ao seu valor de verdade, podendo ser uma ilusão muito bem fundamentada. Como escreveu Bourdieu (1998, p.124), o regionalismo (ou o nacionalismo) é um caso de lutas propriamente simbólicas, em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças e vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas.

Em “Culturas Híbridas”, Néstor Garcia Canclini, escreveu sobre a “teatralização do poder” e ritualização cultural. Segundo o autor, para que as tradições sirvam hoje de legitimação para aqueles que as construíram ou se apropriaram delas, é necessário colocá-las em cena. “O patrimônio existe como força política na medida em que é teatralizado: em comemorações, monumentos e museus” (2000, p.162). Essa teatralização é o esforço para simular que há origem ou substância fundadora, em relação à qual deveríamos atuar hoje, configurando-se uma política cultural autoritária.

Da mesma forma, o fundamento “filosófico” do tradicionalismo se resume na certeza de que há uma coincidência ontológica entre realidade e representação, entre a sociedade e as coleções de símbolos que a representam. “A política autoritária é um teatro monótono. As relações entre governo e povo consistem na encenação do que se supõe ser o patrimônio definitivo da nação” (Ibid., p.163).

Assim, o tradicionalismo e a teatralização do poder devem contribuir para o sucesso do processo turístico, que requer um mínimo de consistência identificatória. Pois a construção da identidade cultural, como Rudimar Baldissera explica, trata-se de um processo de naturalização da representação simbólica. “Mediante mecanismos próprios, tais como os esquecimentos, os apagamentos, os mitos e os rituais, elimina as



descontinuidades, a desordem e as contradições, e reveste-se com a plasticidade da continuidade, da coerência e da ordem” (In: BARRETO, 2006, p.95).

Na tentativa, talvez, de assegurar o sucesso turístico do município, em 17 de novembro de 1980, a Câmara de Vereadores aprovou o projeto “Passo Fundo, Tchê!” e encaminhou para a Prefeitura como legal e regimental. Assinaram os vereadores Hildo Wollmann (presidente), Anael Portella (relator), Ivo Pacheco, Delmo Alves Xavier e Wilson Garay. Já, em 28 de novembro de 1980, a lei nº 1922 foi sancionada e promulgada pelo presidente da Câmara Municipal de Passo Fundo, vereador Miguel Lopes dos Santos, no exercício do cargo de prefeito, oficializando o projeto.

Tabela 1

Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo (de 31/01/1977 a 31/01/1983) - ocupações

Ocupação	Número de Vereadores
Funcionalismo público	10
Indústria	02
Comércio	03
Agricultura	01
Imprensa	02
Contabilidade	03
Construção Civil	01
Advogado	05

Fonte: JORNAL TROPEIRO DOS PAMPAS. *Páginas da Nossa História*. Passo Fundo: Jornal Tropeiro dos Pampas, 2000.

Para ilustrar a falta de coerência entre o gauchismo que se queria explorar e a sociedade, cabe um mini estudo prosopográfico¹⁵ a partir dos vereadores que compunham a Câmara que aprovou o projeto¹⁶. Conclui-se que apenas um dos 21 políticos, envolvidos direta ou indiretamente na aprovação, tinha uma ocupação rural, como agricultor. O restante era funcionário público (10) e/ou trabalhava no segundo e terceiro setores (16)¹⁷. É o reflexo de uma sociedade proeminente urbana, querendo representar-se através de um tipo rural que não existe mais e nunca teria existido na região.

No final dos anos setenta tornou-se lugar-comum afirmar que as tradições gaúchas estavam morrendo. O projeto “Passo Fundo, Tchê!” foi mais uma ação que

¹⁵ Segundo Christophe Charle, o princípio da prosopografia está baseado em “definir uma população a partir de um ou vários critérios e estabelecer, a partir dela, um questionário biográfico cujos diferentes critérios e variáveis servirão à descrição de sua dinâmica social, privada, pública, ou mesmo cultural, ideológica ou política” (In: HEINZ, 2006, p.41).

¹⁶ Ver: Tabela 1 - Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo (de 31/01/1977 a 31/01/1983) - 8ª legislatura

¹⁷ Alguns vereadores exerciam mais de uma ocupação, totalizando 27 ocupações para 21 vereadores, conforme dados do Jornal Tropeiro dos Pampas.



tentava impedir a concretização de tal profecia. Segundo Oliven, toda década de 1980 foi marcada pelo fortalecimento do gauchismo no Rio Grande do Sul, responsável pela existência de aproximadamente mil centros de tradições, mais de quarenta festivais de música nativista, e de vários rodeios. Cresceu o consumo de produtos culturais voltados à temática regional, como programas de televisão e rádio, jornais, livros, publicidade que faz referência direta a valores gaúchos, discos, restaurantes típicos e lojas de roupas gauchescas, consolidando-se o regionalismo dentro da indústria cultural¹⁸.

I Fórum de Municipalização do Turismo

Entre 1988 e 1992, Passo Fundo perdeu mais de 60% das áreas produtivas no setor primário, com as emancipações de Ernestina, Pontão, Coxilha, Mato Castelhana e parte de Gentil, assim como a zona rural do município perdeu também a sua população. Este foi o quadro econômico-social em que o governo do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), com Osvaldo Gomes e Júlio Teixeira, atuou a partir de 1992. Foi investido “em infra-estrutura, pavimentação e canalização de ruas e bairros, além do apoio à cultura e à educação, através, especialmente, da Jornada Nacional de Literatura e do Festival Internacional do Folclore”, evento, este último, que promove o gauchismo¹⁹.

No último ano dessa gestão, em maio de 1995, realizou-se o I Fórum de Municipalização do Turismo, organizado pelo Conselho de Desenvolvimento de Passo Fundo, a Secretaria Municipal de Turismo, Desporto e Cultura (SETUR), com apoio da Câmara de Vereadores, 7ª Região Tradicionalista do MTG, ACISA, entre outros. Assinaram a ata de participação 96 pessoas, todas como representantes de entidades. Apesar da presença proeminente de autoridades, a metodologia de trabalho da comissão organizadora, formada pelos dirigentes dos órgãos supracitados, previa a consulta prévia popular, em reuniões preliminares.

As palestras do evento foram ministradas por especialistas do turismo, atuantes em outras cidades do estado, e representantes do poder público de Passo Fundo. Consultando a lista de presenças do Fórum, somam-se 08 tradicionalistas, 22 profissionais e/ou dirigentes da indústria e comércio, 15 professores, 09 jornalistas, 05

¹⁸ Ver: Jacks, 1998, p.138.

¹⁹ Ver: CANTÚ; AMBROS; SIQUEIRA, In: DIEHL, 1998, p.132.



agentes de turismo, 11 representantes de clubes e associações e 21 representantes do poder público municipal²⁰.

Tabela 2

Lista de participantes do I Fórum da Municipalização do Turismo – organizada por entidades

Entidades	Número de representantes
Tradicionalistas	08
Hotéis e restaurantes	09
Indústria e comércio	13
Câmara Municipal	06
Prefeitura Municipal	15
Ensino	15
Imprensa	09
Agências de Turismo	05
Clubes e Associações	11
Outros	04

Fonte: FÓRUM DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO. *Anais do I Fórum de Municipalização do Turismo*: Passo Fundo 1995. Passo Fundo: Pe. Berthier, 1997.

A primeira palestra foi proferida por Abdon Barreto Filho, Diretor da Planalto Turismo de Santa Maria, que deixou como sugestões para desenvolver Passo Fundo “organizar e aproveitar o tradicionalismo para que seja atração turística”. Para tanto, Barreto Filho sugeriu “unir todas as entidades do município em torno do mesmo objetivo”²¹.

Já Elmar Luiz Floss, Presidente do Conselho de Desenvolvimento de Passo Fundo, elencou diversas potencialidades do município, colhidas nas reuniões prévias com entidades comunitárias. Percebe-se uma variedade em seu discurso de qualidades e opções a serem desenvolvidas, como gastronomia, turismo de saúde, rural, comercial e ecológico. O tradicionalismo aparece apenas como um item dentre 14 outros, no discurso de Floss. A seguir, os professores Solange Zibetti (SETUR) e Carlos Schlemmer (Faculdade de Educação Física da UPF), falaram sobre a questão do esporte na promoção turística na cidade.

O tema do gauchismo voltou à lista de potencialidades na palestra do jornalista e especialista em marketing turístico, Renato Brenol Andrade. Ele introduziu sua fala com a possibilidade de desenvolvimento econômico através do turismo. Em seguida, numerou as potencialidades no Rio Grande do Sul. O quinto item era “turismo temático”, em que ele sugeriu que Passo Fundo poderia trabalhar em cima dos temas gaúcho, Tradições e Folclore, retomando o projeto Passo Fundo, Tchê!

²⁰ Ver: Tabela 2 – Lista de participantes do I Fórum de Municipalização do Turismo.

²¹ Ver: FÓRUM DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO, 1997, p.16.



A secretária da SETUR, Lurdes Canelles apresentou no Fórum os resultados de uma pesquisa sobre os fatores limitantes para o turismo em Passo Fundo, como locais adequados para eventos e apoio na divulgação. O Fórum teve como resultado a aprovação de 10 propostas de ações para o desenvolvimento turístico da cidade. Entre elas, estão “Construir o Galpão da Cultura Gaúcha” e “Resgatar o Projeto ‘Passo Fundo Tchê’”. Sendo que neste último, está previsto “divulgar Passo Fundo como Centro Tradicionalista e valorização do gaúcho”, e “estimular a utilização de recepcionistas pilchados(as) nos eventos técnicos/científicos/culturais/desportivos”. Já na proposta de implantar Trem do Turismo para Passo Fundo, o passeio contaria com programação artística e gastronômica promovida por CTGs, assim como na proposta de Municipalização do Turismo apresentada por Santo Claudino Verzeleti, Diretor do Centro Cultural, e na proposta de desenvolvimento do Pólo Turístico Cultural Roselândia. Conclui-se que em metade das propostas fica evidente o objetivo de promover a cidade através do gauchismo, mas que a procedência delas não foi da consulta prévia popular.

Um dos projetos apresentados no Fórum foi o “Divulgando as Tradições Gaúchas aos Turistas”, de Geni Barbosa, Diretora do Departamento de Cultura da 7ª Região Tradicionalista/ MTG. Ela justifica que Passo Fundo possui 12 entidades filiadas ao MTG, que são procuradas por turistas para conhecer as “tradições do nosso povo”. O projeto previa a promoção de um dia de atividades ligadas ao gauchismo. Os CTGs fariam um revezamento para manter a programação.

Concluindo

É certo que desde 1952, o município já contava com manifestações de cunho gauchesco através dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs). Mas é a partir do projeto “Passo Fundo, Tchê”, da Câmara de Vereadores (1980) e das resoluções do Fórum de 1995, na primeira gestão Osvaldo Gomes, que o campo político passa a atuar, seja através do discurso ou do incentivo, na promoção do gauchismo, vislumbrando obter vantagens simbólicas a partir dele.

Notou-se neste estudo, nos dois fatos históricos recuperados, a presença das disputas de identidade, comum nos anos oitenta, que polemizavam em torno da figura do gaúcho, o modo de construí-la, os critérios para definir sua autenticidade, as instâncias de sua legitimidade e consagração. Havia basicamente dois tipos de contendores nessa disputa: os *tradicionalistas* e os *nativistas*, que embora se proponham



frequentemente como antíteses, seguem em essência o mesmo modelo, variando apenas a roupagem.

Os mais antigos atores do gauchismo são os tradicionalistas. Eles se constituem em um movimento organizado e atento a tudo que diz respeito aos bens simbólicos do estado sobre os quais procuram exercer seu controle e orientação. Pois, para eles “é fundamental demarcar quais são os ‘verdadeiros’ valores gaúchos” (OLIVEN, 2006, p.166). As ameaças à integridade gaúcha, consideradas na época, viriam de fora, pela massificação e introdução de costumes “alienígenas” disseminados pelos meios de comunicação de massa, e de dentro, através das deturpações de ‘maus’ tradicionalistas, como no uso inadequado da indumentária por artistas e mudanças nas coreografias das danças. Conclui-se que tal preocupação é evidente no Fórum, mas não no projeto turístico de 1980.

Parte do projeto “Passo Fundo, Tchê!” seria uniformizar os servidores municipais com trajes típicos, adaptados para as diferentes funções, bem como na iniciativa privada e nas escolas municipais. Ainda que o tópico onze faça uma ressalva de não querer negar os “nossos gaúchos autênticos”, esses trajes deveriam ser muito sofisticados “para fugir à chamada grossura”, podendo ser confeccionados “com rendas e fazendas coloridas, muito couro, metais, brins e outros materiais e tecidos modernos” (1980, p.13).

Já no Fórum em 1995, foi apresentado o projeto “Divulgando as Tradições Gaúchas aos Turistas”, de Geni Barbosa, que justifica que Passo Fundo possui 12 entidades filiadas ao MTG, que são procuradas por turistas para conhecer as “tradições do nosso povo”. Os CTGs fariam um revezamento para manter uma programação especial. No texto do projeto, lê-se a pergunta: “Por que as entidades tradicionalistas?” e em seguida a resposta: “Para não descaracterizar culturalmente o gaúcho” (1997, p.90).

O tradicionalista preocupa-se em delimitar conceitos e fronteiras, apesar de demonstrar grande dificuldade em definir e distinguir termos como tradição, folclore, regionalismo, nativismo ou cultura gaúcha. Mesmo assim, ele tem um “monopólio sobre o direito de afirmar o que é e o que não é tradição e cultura gaúcha e também de exercer influência sobre o mercado de bens simbólicos” (OLIVEN, 2006, p.167).

Garcia Canclini corrobora ao escrever que os estudos sobre costumes populares e folclóricos que vêm sendo realizados desde o século XIX tornaram visível a questão do popular e instauraram os usos habituais, mesmo em nossos dias, dessa noção. “Mas suas táticas gnosiológicas não foram guiadas por uma delimitação precisa do objeto de



estudo, nem por métodos especializados, mas por interesses ideológicos e políticos” (2000, p.208).

Mas o Movimento Tradicionalista Gaúcho não consegue controlar todas expressões culturais do estado, nem disseminar hegemonicamente suas mensagens. “O mercado de bens simbólicos ampliou-se e novos atores passaram a disputar segmentos dele” (OLIVEN, 2006, p. 178). Os festivais de música nativista foram uma das arenas mais intensas de disputas em torno do que significa ser gaúcho, principalmente, a Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul (desde 1971). As polêmicas quase sempre giram em torno desse meio, onde circulam artistas e jornalistas que se denominam de *nativistas* e que não aceitam o controle e a patronagem imposta pelo MTG.

Oliven observa que o Tradicionalismo e o Nativismo, na perspectiva de alguns críticos são uma ideologia muito eficaz, mas ao mesmo tempo anacrônica, já que haveria uma defasagem entre suas criações baseadas no passado e a realidade atual do estado, bem como se observa no caso de Passo Fundo.

Para análise desse processo, torna-se necessário aqui considerar o contexto macro e sua possível influência no local. Para tanto é interessante observar que a formação do espaço regional do Rio Grande do Sul deu-se em sua história em constante disputa internacional, o que acabou constituindo determinados perfis de relações regionais que influenciam hoje o regionalismo. Nota-se ainda que ao longo dos diferentes momentos históricos no Brasil e no mundo, o significado de regionalismo mudou. Conforme o que Eduardo Munhoz Svartman escreveu sobre o assunto, no período entre 1945 e 1980 a configuração do espaço regional era pautada pela Guerra Fria e conduzida por governos militares ditatoriais, o que incrementou tanto as relações cooperativas quanto as de rivalidade. “O que aparenta ser um contra-senso, na verdade é a materialização do caráter dual, ou mesmo dialético, que as diferentes formas de operacionalização de regionalização carregam consigo” (In: FÉLIX; RECKZIEGEL, 2002, p.105). Tal contexto teria se estendido até meados da década de 80, quando uma nova realidade internacional e regional começaria a se esboçar.

A década de 1990 seria marcada pelo neoliberalismo, enquanto doutrina econômica, tornando-se ideologia dominante e difundindo-se especialmente nos “países do Terceiro Mundo que nos anos 70 clamavam por uma nova ordem econômica internacional mais justa para as nações pobres” (In: FÉLIX; RECKZIEGEL, 2002, p.105).



Aqui se deduz que esses processos dessas duas décadas subseqüentes podem ter influenciado o que significou ser gaúcho, ou identificar-se com o gauchismo, em duas dinâmicas distintas. A primeira dos anos 1980, com resquícios do autoritarismo que se traduzia em nacionalismo no Brasil, que se interpreta ter manifestado-se em regionalismo no Rio Grande do Sul. A segunda, quando neste país de Terceiro Mundo adaptam-se às lógicas neoliberais, impulsionadas pelo desenvolvimento tecnológico, que criam indústrias simbólicas como a do turismo.

Não é prudente separar os dois momentos históricos mundiais e por analogia tentar compreender os dois momentos locais estudados aqui. Pois as características e as dinâmicas estruturais perpassam processos complexos que extrapolam as décadas. No projeto “Passo Fundo, Tchê!”, eram evidentes idéias que iriam dominar a década seguinte na cultura e que continuariam a reprodução do gauchismo. Já em 1995, 15 anos após o fim dos regimes autoritários, afirma-se e se enfatiza no I Fórum a necessidade de cercear as atividades turísticas para não perder a característica tradicional arregimentada por um movimento, este sim, surgido no auge da Ditadura Militar.



Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Silvana Miceli de. Artífício e autenticidade: o turismo como experiência antropológica. In: BANDUCCI JR., Álvaro; BARRETO, Margarita (orgs.). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papirus, 2001. pp.49-63.

BALDISSERA, Rudimar. Reflexões sobre as consistências identificatórias e turismo. In: BARRETO, Margarita (org.). *III Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul: textos selecionados*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006. pp.87-102.

BARRETO, Margarita. *Turismo e legado cultural*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CANTÚ, Jonas; AMBROS, Jussara Rodrigues; SIQUEIRA, Rosimar Serena. Construção política, econômica e cultural: Passo Fundo nos últimos cinquenta anos. In.: DIEHL, Astor Antônio (org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: Ed. UPF, 1998.

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp.41-53.

CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO DE PASSO FUNDO. *Planejamento Estratégico para Passo Fundo: 2004/2008*. Passo Fundo: Fundação Cultural Planalto, 2004.

DAL MORO, Selina Maria; KALIL, Rosa Maria Locatelli; TEDESCO, João Carlos (orgs.). *Urbanização, exclusão e resistência: estudos sobre o processo de urbanização na região de Passo Fundo*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

D'AVILA, Ney Eduardo Possapp. *Passo Fundo Terra de Passagem: Uma História Concisa da Cidade e do Município*. Passo Fundo: Pe. Berthier, 1996.

FÓRUM DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO. *Anais do I Fórum de Municipalização do Turismo*: Passo Fundo 1995. Passo Fundo: Pe. Berthier, 1997.

GARCIA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3ª.ed. São Paulo: Ed. USP, 2000. – (Ensaio Latino-americanos, 1)

GOLIN, Tau. *A ideologia do gauchismo*. 2. ed. Porto Alegre: Tchê, 1983

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.



JACKS, Nilda. *Mídia Nativa: indústria cultural e cultura regional*. Porto Alegre, Ed. Universidade/ UFRGS, 1998.

JORNAL TROPEIRO DOS PAMPAS. *Páginas da Nossa História*. Passo Fundo: Jornal Tropeiro dos Pampas, 2000.

MANN, Henrique. *Som do Sul: a história da música do Rio Grande do Sul no século XX*. Porto Alegre: Tchê, 2002.

MUSEU DA TELEVISÃO BRASILEIRA. *Chico Anysio*: biografia de Chico Anysio, extraída de seu depoimento dado ao Museu da Televisão Brasileira, em 03/06/2000. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografias/chicoanysio.htm>. Acessado em 23 de fevereiro de 2007.

NASCIMENTO, Welci. *Terra, gente e tradições gaúchas*. Passo Fundo: Berthier, 1992.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 2006.

PASSO FUNDO. Câmara de Vereadores. Lei nº 57/80. *Oficializa o projeto turístico “Passo Fundo, Tchê! A mais gaúcha cidade do Rio Grande do Sul”*. Processo nº 260/80 de 04.11.1980.

PARIZZI, Marilda Kirst. *Nossas raízes: folclore*. Passo Fundo: Berthier, 1990.

SANDER, Roberto; TEDESCO, João Carlos. *Madeireiros, comerciantes e granjeiros: lógicas e contradições no processo de desenvolvimento socioeconômico de Passo Fundo (1900-1960)*. Passo Fundo: UPF, 2002.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. Definições e redefinições do espaço regional platino no século XX. In: FÉLIX, Loiva Otero; RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti (orgs.). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPF, 2002. pp. 97-112.